

---

**As Helenas De Manoel Carlos:  
O Racismo Estrutural Nas Telenovelas Do Novelista**

**The Helenas Of Manoel Carlos:  
Structural Racism In The Novelist's Soap Operas**

Francisco Ewerton Aleixo da SILVA<sup>32</sup>

**RESUMO**

O presente artigo aborda o racismo estrutural presente nas obras do autor de novelas Manoel Carlos, baseando-se na telenovela *Viver A Vida* (2009) que teve a atriz Taís Araújo como a primeira protagonista negra a interpretar este papel no horário nobre da Rede Globo, avaliando os artistas negros que já trabalharam com o novelista, seus personagens e fazendo um comparativo com as demais Helenas que deram vida à principal protagonista de Maneco.

**PALAVRAS-CHAVE**

Telenovela; Racismo; Viver A Vida; Protagonista Negra.

**ABSTRACT**

This article discusses the structural racism present in the works of the soap operas author Manoel Carlos, based on the soap opera *Viver A Vida* (2009), which had actress Taís Araújo as the first black protagonist to interpret this role during prime time on Rede Globo, evaluating the black artists who have already worked with the novelist, their characters and making a comparison with the other Helenas who gave life to the main protagonist of Maneco.

**KEYWORDS**

Soap Opera; Racism; Viver A Vida; Black Protagonist.

---

<sup>32</sup> Recém-graduado em Comunicação Social - Audiovisual pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Membro do Epa! - Grupo de Pesquisa em Economia Política do Audiovisual. E-mail: [ewertonaleixo21@hotmail.com](mailto:ewertonaleixo21@hotmail.com)

---

## INTRODUÇÃO

O alcance e a natureza do conteúdo potencializam o papel da teledramaturgia na formação do imaginário social brasileiro. Além da consolidação simbólica de uma percepção sobre nossos valores, nossos laços sociais e nossas instituições, as nossas telenovelas são profundamente atravessadas pelo racismo estrutural da nossa sociedade. Por isso, o tema deste artigo ultrapassa a discussão sobre estes produtos audiovisuais em si. Buscamos entender o impacto social de uma protagonista negra, refletindo sobre suas reverberações na carreira da atriz Taís Araújo que interpretou a Helena, da novela *Viver A Vida* (2009). Uma personagem da série de famosas *Helenas* presentes na maioria das obras do autor Manoel Carlos.

*Viver A Vida* conseguiu trazer à televisão em horário nobre a primeira protagonista negra em uma telenovela. Ainda que não fosse o foco da obra mostrar a negritude, as vivências e o racismo, Taís Araújo conseguiu interpretar uma modelo de grande sucesso, viva e determinada. Diante disso, é digno de nota afirmar:

Em *Viver a Vida*, por exemplo, a TV Globo trouxe duas novidades para a questão da participação do negro nas produções televisivas: a primeira Helena negra escrita pelo autor Manoel Carlos e a primeira protagonista negra de uma novela das 21 horas, carro-chefe da programação. A Helena negra (Taís Araújo) era uma modelo renomada no mercado de trabalho, com grande atuação e fraternidade com seus familiares e amigos, assim como era alvo de inveja no meio profissional, inclusive da personagem Luciana (Alinne Moraes) que se tornaria tetraplégica e ganharia maior destaque ao longo da trama. (GRIJÓ; SOUSA, 2012, p. 196).

Ainda que tenhamos observado um aumento nos últimos anos de personagens negros em posição de destaque nas telenovelas brasileiras, principalmente onde a própria atriz tem seu protagonismo à frente de tramas como *Xica da Silva* (Walcyr Carrasco, Rede Manchete, 1996), *Da Cor do Pecado* (João Emanuel Carneiro, Rede Globo, 2004) e *Cobras e Lagartos* (João Emanuel Carneiro, Rede Globo, 2007), Taís Araújo conseguiu ser uma das profissionais negras que mais teve destaque no âmbito da teledramaturgia. À medida que cresceu profissionalmente, a atriz foi ganhando papéis cada vez mais relevantes, interpretando inicialmente uma pessoa escravizada, uma vendedora de ervas, vendedora de loja/empresária e uma modelo em *Viver A*

---

*Vida* (Manoel Carlos, Rede Globo, 2009), mudando o ambiente sociocultural da sociedade brasileira no que diz respeito aos avanços dos personagens negros.

Ao abordarmos o avanço da televisão dentro do cotidiano da sociedade brasileira, percebemos que esse meio de comunicação sempre esteve presente nas mais variadas camadas das classes sociais. Diante disso, vimos cada vez mais as pessoas ligadas a televisão e mais precisamente, as novelas. Para LOPES (2014, p. 23), “É possível entender mais adequadamente os MCM no projeto nacional populista como um dos meios para converter as massas em povo e o povo em nação”.

Diante disso, a participação da atriz na novela em específico é apontada como um ponto de inflexão em sua trajetória profissional e pode também ser considerada como um episódio central para a discussão sobre o racismo estrutural presente na teledramaturgia brasileira. Desde o início da produção de telenovelas é notável esse tipo de preconceito em que negros e negras são hostilizados e rebaixados a papéis sem grande relevância, como empregados dos patrões brancos ou representando exclusivamente pessoas escravizadas, e sabemos que isso se perpetua ano após ano dentro do âmbito da teledramaturgia brasileira como também fora dele, e por isso é correto afirmar:

A viabilidade da reprodução sistêmica de práticas racistas está na organização política, econômica e jurídica da sociedade. O racismo se expressa concretamente como desigualdade política, econômica e jurídica. Porém o uso do termo “estrutura” não significa dizer que o racismo seja uma condição incontornável e que ações e políticas institucionais antirracistas sejam inúteis; ou, ainda, que indivíduos que cometam atos discriminatórios não devam ser pessoalmente responsabilizados. (ALMEIDA, 2019, p. 33).

Como fonte para o levantamento de personagens e características do enredo presente neste artigo, adotamos o portal *Memória Globo* como referência. Nosso levantamento se complementa também com o documentário *A Negação do Brasil* (ARAÚJO, 2000), os artigos *A força de um desejo – a persistência da branquitude como padrão estético audiovisual* (ARAÚJO, 2006) e *O negro na telenovela, um caso exemplar da decadência do mito da democracia racial brasileira* (ARAÚJO, 2008), *O negro na telenovela brasileira: a atualidade das representações* (GRIJÓ; SOUZA, 2012), os livros *Racismo Estrutural* (ALMEIDA, 2019), *Claros e Escuros: identidade, povo e mídia no Brasil* (SODRÉ, 1999), *Pesquisa em*

---

*Comunicação* (LOPES, 2014) e *Psicologia Social do Preconceito e do Racismo* (LIMA, 2020). Nosso objetivo é refletir sobre as obras de Manoel Carlos, e para isso inicialmente desenvolvemos um panorama sobre os personagens negros presentes em suas telenovelas. Na sequência, focaremos nas tramas em que o autor adotou como protagonista a clássica personagem Helena, que estreou em 1981 com *Baila Comigo* e sai de cena em 2014, com *Em Família*, todas da Rede Globo.

### **DE ZELADOR A MÚSICO: UM PANORAMA DE PERSONAGENS NEGROS VIVIDOS NAS TRAMAS DE MANOEL CARLOS**

A televisão e especificamente, as telenovelas deram poucas oportunidades às pessoas negras, a não ser em papéis de empregados, motoristas e em geral de pouca relevância nas tramas. Mesmo às críticas e mobilizações do movimento negro, pouco se viu mudar até os dias atuais. São diminutos os núcleos de pessoas com bom poder aquisitivo formados por famílias negras nas telenovelas brasileiras. Os Noronha, de *A Próxima Vítima* - novela de Silvio de Abreu de 1995 produzida pela Rede Globo - se destacam. A família interpretada por Zezé Motta, Camila Pitanga, Antônio Pitanga, Norton Nascimento e Lui Mendes agradou ao público da época e revelou um grande fato: apesar do povo preto estar em maior número nas periferias, essas mesmas pessoas podem viver igualmente em bairros de classe média, o que ocasionou à época a sensação de vivermos em uma democracia racial, como afirmado abaixo:

Mesmo estando sob a batuta daqueles que marcaram profundamente a vida cultural contemporânea, como Gilberto Freyre, para os modernistas e os romancistas que surgiram do ciclo da literatura chamada regionalista, como Jorge Amado, a afirmação da miscigenação esteve sempre associada à ideia de que nesta terra se criava uma nação com uma nova raça, os brasileiros, frutos de um hibridismo em que prevaleceria a homogeneidade racial e cultural, que deixaria para trás, de forma completamente superada, a divisão racial de nossa formação. Nasce, nesse contexto, o conhecido mito da democracia racial brasileira. (ARAÚJO, 2006, p. 76)

Esses fatos nos fazem perceber o quão pouco foi feito para que o povo preto ganhasse destaque aos olhos do público e parassem de serem vistos como menores, inferiores e de pouco talento. É fundamental que sejam implementados esforços contínuos para superar o racismo.

Por isso, a pauta é de suma importância para as produções da teledramaturgia brasileira. Inicialmente, apresentamos um levantamento dos personagens interpretados por atores e atrizes pretos em novelas de autoria de Manoel Carlos. Buscamos elencar os personagens por novela e o perfil de cada um, observando especialmente suas profissões e posicionamentos nos enredos. Tal levantamento foi fundamental para que constatássemos que os artistas negros ocupam em absoluta maioria papéis secundários, conforme demonstramos na tabela 1, a seguir:

**Tabela 1.** Personagens vividos por atores/atrizes negros nas telenovelas de Manoel Carlos nas obras em que há Helena como protagonista

ANO	NOME DA NOVELA	NOME DO PERSONAGEM	NOME DO ATOR/ATRIZ	PROFISSÃO DO PERSONAGEM	PERSONALIDADE DO PERSONAGEM
1981	Baila Comigo	Otto Rodrigues	Milton Gonçalves	Artesão	Pacato e tranquilo
		Conceição	Maria Alves	Empregada	Calma
		Felipe	Paulo Bacelar	Desempregado	Simpático
1991	Felicidade	Raymunda (Betsy)	Kátia Drumond	Dançarina	Alegre
		Batista	Milton Gonçalves	Zelador	Tranquilo
		Tuquinha	Maria Ceixa	Porta-estandarte de escola de samba	Bonita e alegre
		Aristides	Maurício Gonçalves	Desempregado	Ciumento e violento
		Maria	Maria Alves	Dona de casa	Animada e alegre
		Claudete	Cristina Ribeiro	Dona de casa	Sonhadora
1995	História de Amor	Kátia	Joyce Ribeiro	Empregada	Animada e curiosa
		Nazaré	Maria Alves	Empregada	Tranquila
		Ernani	Jorge Coutinho	Motorista	Calmo e tranquilo
1997	Por Amor	Márcia Maria de Jesus	Maria Ceixa	Artista plástica	Bonita e lutadora
		Maria de Jesus	Maria Alves	Dona de casa	Forte e objetiva
		Jorge de Jesus	Jorge Coutinho	Desempregado	Pacato, tolerante e avesso a brigas
		Narciso	José Chaguinha	Zelador	Calmo

2000	Laços de Família	Zilda	Thalma de Freitas	Empregada	Tranquila e educada
		Tide	Samuel Melo	Filho de Laerte	Simpático
		Laerte	Luciano Quirino	Médico	Educado e simpático
		Aline	Ana Carbatti	Médica	Simpática
		Rita	Juliana Paes	Empregada	Tímida
2003	Mulheres Apaixona das	Sônia Fernandes	Priscila Dias	Empregada	Simpática e muito querida
		Jeremias	Wilson Cardoso	Motorista	Calmo
		Maria	Idelcéia Santos	Empregada	Tranquila e educada
		Luciana Ribeiro	Camila Pitanga	Médica	Feliz e querida
		Pérola	Elisa Lucinda	Cantora	Educada e querida
		Ataulfo Rodrigues	Laércio de Freitas	Músico	Calmo
		Jairo Rodrigues	Diego Jack	Estudante	Animado e feliz
		Ivan	José Chaguinha	Jardineiro	Pacato
		Shirley Maria	Renata Pitanga	Empregada	Animada
		Zilda	Roberta Rodrigues	Empregada	Calma
2006	Páginas da Vida	Lidia Alves	Thalita Carauta	Empregada	Simpática
		Selma Araújo	Elisa Lucinda	Médica	Séria e simpática
		Gabriela Azevedo	Carolina Oliveira	Estudante	Inteligente e temperamental
		Salvador Fortunato	Jorge de Sá	Estudante	Amoroso e gentil
		Washington Silva	Marcos Henrique	Empregado	Vivo e engraçado
2009	Viver A Vida	Helena	Taís Araújo	Modelo	Viva e glamurosa
		Edite	Lica Oliveira	Empresária	Calma e tranquila
		Oswaldo	Laércio de Freitas	Músico	Pacato
		Sandra	Aparecida Petrowky	Desempregada	Problemática
		Paulo	Michel Gomes	Estudante	Calmo
		Ronaldo	César Melo	Empresário	Tranquilo
		Benê	Marcelo Mello Júnior	Desempregado	Mau-caráter
		Nice	Roberta Almeida	Empregada	Calma

		Cida	Thaíssa Carvalho	Empregada	Animada
		Mário	Paulo Lessa	Médico	Calmo
		André	Antônio Firmino	Modelo	Tranquilo
2014	Em Família	Gorete	Carol Macedo	Empregada	Animada
		Jairo	Marcello Melo Junior	Desempregado	Pouco agressivo
		Dulce	Lica Oliveira	Professora	Solícita, correta e paciente
		Rosa	Tânia Toko	Empregada	Animada
		Ceição	Ju Colombo	Empregada	Calma
		Ivi	Carla Cristina Cardoso	Empregada	Calma
		Matias	Jorge de Sá	Estudante	Pacato e tranquilo
		Neidinha	Jessica Barbosa/Elina de Souza	Enfermeira	Ingênua
		Alice	Erika Januza	Policia	Determinada
		Sandra	Roberta Almeida	Estudante	Calma e feliz
		Theo	Rafael Zulu	Enfermeiro	Pacato

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Portal Memória Globo.

A realização dessa pesquisa foi separada por ano, nome da novela, nome do personagem, nome do ator/atriz, profissão e a sua personalidade para que fosse notável que esses artistas em sua maioria trabalham como empregados nas tramas do autor. Nesse caso, percebe-se que os personagens que não eram domésticos, tinham um grande destaque, ou já trabalhavam com a profissão descrita na vida real.

Na tabela 1, há um total de 58 personagens negros, dos quais vinte e três são homens e trinta e cinco são mulheres, com destaque para os atores José Chaguinha, Jorge Coutinho, Laércio de Freitas, Jorge de Sá, Marcello Melo Junior, Maria Alves, Maria Ceíça, Maurício Gonçalves e Elisa Lucinda, que interpretaram mais de um personagem nas telenovelas de Manoel Carlos em tramas distintas. Vale ressaltar que o personagem Neidinha em *Em Família* (2014) foi interpretado pelas atrizes Jessica Barbosa e Elina de Sousa, na primeira e segunda fase da novela, respectivamente. Dentre todos, existem dezesseis empregadas, dois zeladores, dois motoristas, dois músicos, uma artista plástica, cinco médicos, uma cantora, dois

enfermeiros, uma professora, sete estudantes, dois empresários, dois modelos, um artesão, um jardineiro, uma porta-estandarte de escola de samba, uma dançarina e uma policial. Os demais personagens não têm uma profissão, como consta no Portal Memória Globo. Exceto os intérpretes de papéis de destaque, como modelo e médico, poucas pessoas conseguiram ter um desfecho e lugar nas tramas.

Para enfatizar o racismo estrutural presente nas obras de Manoel Carlos, faz-se necessário um levantamento das suas protagonistas, realizando um comparativo dessas personagens e atrizes para trazer à realidade o real motivo da negativa sobre a Helena negra de Taís Araújo. Para isso, criamos a tabela 2, abaixo:

**Tabela 2.** Levantamento das características das Helenas de Manoel Carlos

<b>ATRIZ</b>	<b>ANO</b>	<b>PADRÃO ESTÉTICO</b>	<b>PROFISSÃO</b>	<b>TELENOVELA</b>
Lilian Lemertz	1981	Branca de 50 anos de idade (em média)	Dona de casa	Baila Comigo
Maitê Proença	1991	Branca, loira e de olhos verdes de aparência jovial com 30 anos (em média)	Vendedora	Felicidade
Regina Duarte	1995	Branca com 40 anos de idade (em média)	Dona de casa	História de Amor
Regina Duarte	1997	Branca com 45 anos de idade (em média)	Empresária	Por Amor
Vera Fischer	2000	Branca, loira e de olhos azuis com 50 anos de idade (em média)	Empresária	Laços de Família
Christiane Torloni	2003	Branca com 50 anos de idade (em média)	Diretora de escola	Mulheres Apaixonadas
Regina Duarte	2006	Branca com 60 anos de idade (em média)	Médica	Páginas da Vida
Taís Araújo	2009	Negra com 30 anos de idade	Modelo	Viver A Vida
Júlia Lemertz	2014	Branca com 50 anos de idade (em média)	Leiloeira	Em Família

Fonte: elaboração própria a partir do portal Memória Globo.

A tabela 2 acima foi elaborada e separada por atriz, ano, padrão estético, profissão e telenovela. Das sete atrizes que interpretaram a Helena do novelista, cinco apresentavam ter em média cinquenta anos de idade, já eram mulheres com família formada, filhos e uma profissão de anos. São elas: Lilian Lemertz, Regina Duarte, Vera Fischer, Christiane Torloni e Júlia Lemertz. Entretanto, Maitê Proença, que deu vida a sua Helena em 1991 em *Felicidade*, tinha uma aparência jovial, dentro de uma faixa etária de trinta anos, tal qual a personagem de Taís Araújo. Segundo o portal Memória Globo, a descrição da Helena de 1991 diz: “Bela mulher, aparentemente dócil e bastante voluntariosa, perseguindo seus objetivos com determinação.”, descrição que poderia caber certamente na Helena de 2009, que diz: “Filha de Edite (Lica Ribeiro) e Oswaldo (Laércio de Freitas), irmã de Sandra (Aparecida Petrowki) e (Michel Gomes). Top model de renome internacional. Está no auge da carreira, aos quase 30 anos.”, nos fazendo crer que em um espaço de treze anos, as pessoas esqueceram como era uma Helena mais jovial, mesmo que ambas tenham ido ao ar em horários diferentes de exibição. Apesar desse fato, algo que poderia justificar a rejeição da Helena de Taís Araújo em *Viver A Vida*, seria o racismo estrutural tão presente na nossa sociedade. Talvez pela ausência de uma protagonista negra na teledramaturgia, o público já tivesse se acostumado a mulheres com uma idade mais avançada, mães de família e brancas. A aversão à personagem afetou a vida da atriz no âmbito pessoal, tendo sido necessário que ela passasse um determinado tempo fora da televisão. Em entrevista ao programa Roda Viva, da TV Cultura, em 08/03/2021, Taís Araújo reconheceu que Manoel Carlos foi hodierno ao não explicar a origem de uma personagem negra: “Para o Brasil da época, para uma mulher negra ter destaque, tem que justificar de onde ela veio”, disse a atriz.

Este caso é bastante significativo e nos alerta para o fato de que a ausência de personagens negros protagonistas pode afetar direta e indiretamente a opinião pública. Dito isso, podemos destacar o trecho abaixo:

O racismo brasileiro apareceu na telenovela somente como uma das características negativas do vilão, e não como um traço ainda presente na sociedade e na cultura brasileira. Até o final dos anos 90, poucas telenovelas trataram a discriminação racial contra o negro brasileiro de forma direta. Na teleficção, assim como na nossa sociedade, a vergonha de demonstrar o próprio preconceito, ou o “preconceito de ter preconceito”, conforme alertava o

---

sociólogo Florestan Fernandes, criou o tabu que inibe a manifestação aberta do racismo e fortaleceu o consenso em torno do mito da democracia racial brasileira (ARAÚJO, 2008, p. 981).

## **APONTAMENTOS FINAIS**

De forma errônea, *Viver a Vida* passou longe de debater o racismo de uma sociedade elitista e preconceituosa. Diante disso, ainda que tenhamos pouca representatividade no âmbito das tramas brasileiras na autoria de pessoas negras no que se refere às telenovelas, tivemos alguns avanços com o protagonismo negro. Dessa forma, é correto afirmar:

A mídia é o intelectual coletivo desse poderio, que se empenha em consolidar o velho entendimento do povo como “público”, sem comprometer-se com causas verdadeiramente públicas nem com a afirmação da diversidade da população brasileira. O racismo modula-se e cresce à sombra do difusionismo culturalista euroamericano e do entretenimento relativo oferecido às massas pela televisão e outros ramos industriais do espetáculo. (SODRE, 1999, p. 244).

Com isso, observamos que o racismo estrutural pode ter uma ligação direta com a falta de pessoas negras na televisão, pois talvez no imaginário popular, as pessoas ainda não consigam ver uma pessoa negra como protagonista. Para LIMA (2020, p. 14) “Portanto, considerando que racismo e preconceito são fenômenos multi causados, sendo ao mesmo tempo individuais, sociais, históricos e culturais, a psicologia social tem importante contribuição para o seu entendimento e combate”.

Sendo assim, ao discutirmos a importância das narrativas ficcionais do produto audiovisual que possui a maior audiência no Brasil, acabamos acometendo um ponto de reflexão da sociedade brasileira no que se diz respeito à representatividade das pessoas negras nas telenovelas, em especial a obra discutida aqui.

Algumas mudanças na abordagem dos temas interpelados nas telenovelas se fazem necessárias, principalmente em relação às demandas da audiência, cujo contexto pode se modificar conforme as dinâmicas de tempo e espaço. Nem toda obra onde existem pessoas negras deve abordar o racismo como tema central, mas muitas tramas poderiam dizer como o preconceito ainda se faz presente dentro da sociedade. Caso contrário, personagens coadjuvantes e secundários podem cair na predileção do público, como foi o caso de *Viver A*

*Vida*. Essa questão deve-se ao fato das telenovelas brasileiras, principalmente, as que são exibidas no horário nobre da Rede Globo apresentarem entre suas características a abordagem do cotidiano nacional, que evidentemente sempre foram observadas do ponto de vista da realidade sob a ótica de grupos hegemônicos.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. L. de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

ARAÚJO, J. Z. A força de um desejo-a persistência da branquitude como padrão estético audiovisual., **Revista USP**, n. 69, p. 72-79, maio/2006. Disponível em:  
<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13514>. Acesso em: 13 abr. 2020.

ARAÚJO, J. Z. O negro na dramaturgia, um caso exemplar da decadência do mito da democracia racial brasileira. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 16(3): 979-985, setembro-dezembro/2008. Disponível em:  
[https://www.researchgate.net/publication/250040737\\_O\\_negro\\_na\\_dramaturgia\\_um\\_caso\\_exemplar\\_da decadencia\\_do\\_mito\\_da\\_democracia\\_racial\\_brasileira](https://www.researchgate.net/publication/250040737_O_negro_na_dramaturgia_um_caso_exemplar_da decadencia_do_mito_da_democracia_racial_brasileira). Acesso em: 13 abr. 2020.

CARLOS, M., **Viver a Vida**, Rede Globo, direção: Jayme Monjardim, 2009. Disponível em:  
<https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/viver-a-vida/>. Acesso em: 13 abr. 2020.

CENTRO AFRO CARIOCA DE CINEMA. Joel Zito Araújo. **Centro Afro Carioca de Cinema**, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <http://afrocariocadecinema.org.br/joel-zito-araujo/>. Acesso em: 05 abr. 2020.

GRIJÓ, W. P.; SOUSA, A. H. F., O negro na telenovela brasileira: a atualidade das representações. **Revista Estudos em Comunicação**, n. 11, p. 185-204, mai. 2012. Disponível em:  
<http://ec.ubi.pt/ec/11/pdf/EC11-2012Mai-09.pdf>. Acesso em: 06 dez. 2021.

LIMA, M. E. O. **Psicologia Social do Preconceito e do Racismo**. São Paulo. Ed. Blucher Open Access, 2020.

LOPES, M. I. V., **Pesquisa em Comunicação: formulação de um modelo metodológico**. 12 Ed. São Paulo: Loyola, 2014.

SODRÉ, M. **Claros e Escuros: identidade, povo e mídia no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1999.